

O PROFESSOR AUTÔNOMO: REFLEXÕES SOBRE A BUSCA DO EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA AUTÔNOMA

PINTO, Maria Verônica R.¹; GHIGGI, Gomercindo²

¹ *Aluna Especial do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas – veroldanpinto@hotmail.com*

² *Professor do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas – Orientador – gghiggi@terra.com.br*

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda a questão do exercício da autonomia do professor, buscando refletir a respeito dos avanços e obstáculos que se apresentam no percurso em direção à assunção de uma docência autônoma que se constitua enquanto experiência libertadora, emancipadora e que, como tal, seja capaz de instaurar uma educação transformadora. A análise realizada sobre teóricos da educação como John Locke, Jean Jacques Rousseau, Immanuel Kant, Karl Marx, dentre outros autores que contribuíram para a construção do conceito de autonomia e para seu debate no campo da educação, bem como sobre a obra Pedagogia da Autonomia, de Paulo Freire, proporcionou importantes reflexões acerca da problemática da autonomia do professor e sobre o desenvolvimento de uma visão emancipadora de educação. Este trabalho objetiva, à luz dos referenciais teóricos investigados, principalmente das ideias de Paulo Freire e da articulação entre teoria e prática, defender a assunção de uma docência autônoma enquanto pressuposto para o desenvolvimento de uma educação igualmente autônoma. Os estudos realizados sobre o pensamento de John Locke, Jean Jacques Rousseau e Immanuel Kant proporcionaram uma maior compreensão sobre o desenvolvimento do conceito e do ideal de autonomia que gradativamente passa a figurar como um dos objetivos da educação de um novo homem para o novo modelo de sociedade que se estrutura a partir da Idade Moderna, evidenciando a preocupação com a formação de um indivíduo que, através de sua liberdade e de sua ação sobre si e o mundo, fosse capaz de participar ativamente do processo de construção da sociedade liberal burguesa. A construção teórica de John Locke constitui a primeira grande instrumentalização da educação para os propósitos da sociedade liberal, servindo de instrumento de formação do homem para o “novo momento” instaurado a partir da revolução burguesa de 1688 na Inglaterra, exercendo grande influência na organização de processos pedagógicos no Ocidente, ao indicar o comportamento de um indivíduo adequado aos “tempos de maior liberdade” (LOCKE, 1986). Ao defender que o homem é o sujeito de sua construção, que ele é capaz de desenvolver seu conhecimento através das experiências, investe-o do protagonismo de sua história.

Jean Jacques Rousseau (1712-1778) também traz importante contribuição para a construção do conceito de autonomia ao afirmar que os homens são independentes, visto que nascidos livres e iguais, apenas por um proveito comum alienam sua liberdade. Segundo Rousseau, tendo nascido livre, a liberdade do homem lhe pertence e por essa razão apenas ele pode dispor dela. (ROUSSEAU, 2000)

Immanuel Kant (1724-1804) cumpre fundamental papel da afirmação da capacidade do homem enquanto construtor de sua história, de se auto-legislar e dar a si mesmo suas próprias leis, capaz de assumir a coragem de servir-se de seu próprio entendimento e atingir sua maioridade. De acordo com Vicente Zatti (2007) foi Kant quem melhor definiu o conceito de autonomia na modernidade, tendo visto nesse ideal o fundamento da dignidade humana e do respeito, o que passou a ser central no desenvolvimento dos sistemas legais, educacionais e da sociedade moderna como um todo. Para ele *“a concepção kantiana de liberdade como autodeterminação influenciou muito a educação e o modelo escolar criado a partir da modernidade.”* (ZATTI, 2007, pág. 10)

Outro importante referencial teórico que aborda a questão da construção do sujeito autônomo através da educação e que, por referendar a necessidade da assunção de uma docência autônoma para que se estabeleça o desenvolvimento de uma educação emancipadora, constitui o referencial teórico balizador deste trabalho, é a pedagogia de Paulo Freire. Segundo Zatti:

“A temática da autonomia que ganhou centralidade nos pensadores e na educação moderna, ganha em Paulo Freire um sentido sócio-político-pedagógico: autonomia é a condição sócio-histórica de um povo ou pessoa que tenha se libertado, se emancipado, das opressões que restringem ou anulam sua liberdade de determinação. E conquistar a própria autonomia implica, para Freire, em libertação das estruturas opressoras. Não há libertação que se faça com homens e mulheres passivos, é necessária conscientização e intervenção no mundo.” (ZATTI, 2007, pág. 53)

De acordo com a pedagogia freireana é fundamental que em sua prática pedagógica o professor esteja atento para o encorajamento da participação ativa, crítica, desafiadora e livre dos educandos, propiciando a criação de um ambiente onde o aluno possa tomar decisões. Para Zatti (2007) o educador que prime pelo desenvolvimento da autonomia deve estar igualmente atento à relação autoridade-liberdade, para que se evitem tanto o autoritarismo quanto a licenciosidade, buscando o equilíbrio entre ambos, pois *“o autoritarismo não é mais autoridade, mas abuso de autoridade, a licenciosidade não é mais liberdade, mas depravação da liberdade”* (ZATTI, 2007, pág. 56), e ambos são prejudiciais à autonomia, impedindo que o sujeito se constitua enquanto indivíduo livre, que haja de acordo com sua própria lei e seja ele mesmo. A pedagogia defendida pelo educador Paulo Freire constitui-se um importante referencial para este educador que busca emancipar-se e emancipar a partir de sua ação pedagógica, fomentando uma reflexão que permite instrumentalizar sua prática e superar velhos condicionamentos. Seu discurso crítico e comprometido com a construção de uma sociedade igualitária denuncia o caráter perverso do neoliberalismo e serve de base para o desenvolvimento de uma docência eticamente comprometida com a superação das desigualdades. Sua crença na História como possibilidade produziu uma pedagogia da esperança que impulsiona a intervenção e a ruptura de um modelo limitador de educação e de homem. Sua preocupação com a natureza humana o aproximou do pensamento marxista: *“Antes mesmo de ler Marx já fazia minhas as suas palavras: já fundava a minha radicalidade na defesa dos legítimos interesses humanos.”* (FREIRE, 1996, pág. 129)

Karl Marx denuncia o sistema de ensino que reproduz a lógica do sistema capitalista, que reproduz o sistema dominante tanto ideológico como tecnicamente.

Mas a teoria marxista aponta para a possibilidade da transformação da ordem capitalista burguesa pela via da educação:

“Por um lado, é necessário modificar as condições sociais para criar um novo sistema de ensino; por outro, falta um sistema de ensino novo para poder modificar as condições sociais. Conseqüentemente é necessário partir da situação atual.” (MARX & ENGELS, 1992)

O educador tem um papel importante neste processo, mas para isto é fundamental seja educado para atuar através de uma prática revolucionária. Para Wagner Rossi (1980) a educação revolucionária pode ser um importante instrumento de conscientização/libertação, porém alerta cair em grave engano o revolucionário que pretenda “fazer a revolução através da educação”:

Franco Cambi, em sua obra História da Pedagogia (1999), afirma que a História é um organismo onde o passado condiciona o presente e, portanto, partindo deste presente pode-se, ao olhar para trás, reconstruir o caminho e resgatar seu processo e também seu sentido. Segundo Cambi, se a Antiguidade consigna ao Ocidente suas estruturas mais profundas e características que se entrelaçam até formar a educação ocidental, a Modernidade foi a época histórica da emancipação, que colocou no centro o problema da liberdade. Ao analisar o mundo moderno, Cambi aponta que este é atravessado pela ambiguidade, pois ao mesmo tempo que se pretende libertar o homem, a sociedade e a cultura de vínculos, ordens e limites executa também a constante ação do governo, buscando moldar os indivíduos segundo modelos de comportamento, a fim de torná-lo produtivo e integrado. Encontra-se aqui uma antinomia, uma contradição entre este processo de libertação e da idealização que se ativou sobre esta e que não se concluiu, e sobre a qual prevalece a conformidade de uma nova regulamentação de sociedade e indivíduo, estrutura inquieta que se configura ainda hoje como um problema aberto e contraditório. As reflexões de Cambi acerca dos paradoxos entre sujeição e libertação, apontam para uma realidade presente tanto na pedagogia moderna quanto na contemporânea, marcadas pela antinomia entre conformação e emancipação, onde figuram a liberdade da escola, de ensino, do aluno em contraposição ao controle do governo, a uma conformação nítida que permanece ainda hoje no centro da pesquisa educativa, político, social e teórica, bem como nas práticas desenvolvidas dentro das escolas, numa incompletude que se refere ao processo de libertação que ativou mas também ao projeto democrático de governo que a guiou.

2. METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa que se constitui enquanto pesquisa bibliográfica onde, a partir da realização de leituras, resenhas, fichamentos e sínteses de obras que abordam a concepção de autonomia e categorias/conceitos vinculados ao tema da docência autônoma e sobre o seu processo de assunção, se busca atingir uma maior compreensão sobre o mesmo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Educar para quê? Em que modelo de sociedade e ser humano se acredita? É possível, e o sendo, como podem a escola e os profissionais da educação interferirem na transformação da realidade? Estas são questões fundamentais sobre

as quais deve refletir todo educador na confrontação com sua prática pedagógica a fim de que sua ação esteja impregnada por seus ideais e visão de mundo. Um educador que acredite que é possível através da educação e portanto, de sua atuação, colaborar para a transformação da sociedade a fim de que esta se torne cada vez mais justa e humana, mesmo que consciente dos limites colocados pelo sistema, deve converter seu discurso em prática a fim de que sua ação esteja marcada pela coerência. É preciso, conforme nos aponta Paulo Freire, que o educador gere consciência sobre o importante papel que possui, bem como sobre a dimensão política do seu trabalho e que se perceba como sujeito histórico que pode em seu cotidiano em sala de aula intervir e promover condições tanto para a manutenção da ordem estabelecida, como para a sua alteração, ao estimular a crença na capacidade de superação e no potencial transformador inerente ao ser humano. Assim, consciente da importância e do alcance do seu trabalho e inaugurando novas possibilidades, o professor vai reafirmando o comprometimento necessário a uma prática educativa libertadora, formadora de cidadãos autônomos.

4. CONCLUSÕES

A partir da análise e reflexões suscitadas através do estudo dos referenciais teóricos apresentados neste trabalho entende-se que, para que se efetive o exercício da docência autônoma é fundamental que se proceda uma educação política que leve ao despertar de uma consciência cada vez mais crítica e historicizada da pedagogia pelo professor, para que este possa ir superando suas contradições e mesmo sua conformação, e perceba tanto a necessidade quanto a da possibilidade de propiciar a construção de um espaço solidário que preze pela ética e pela participação, onde todos possam ter voz e vez. Apenas desta maneira será possível superar uma educação reprodutora, alienante e anuladora das liberdades individuais e proceder a construção de uma pedagogia que leve à emancipação social e humana dos indivíduos.

O presente trabalho configura-se enquanto introdução a uma discussão que pretende ser ampliada a partir do aprofundamento do estudo sobre outras referências bibliográficas significativas acerca do tema da docência autônoma, encontrando-se ainda em fase inicial de pesquisa.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAMBI, F. **História da Pedagogia**. São Paulo: UNESP, 1999.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GADOTTI, M. **História das Ideias Pedagógicas**. São Paulo: Ática, 1993.
- KANT, I. **Resposta à pergunta: o que é o esclarecimento?** Brasília: Casa das musas, 2008.
- LOCKE, J. **Pensamientos sobre la educación**. Madrid: Akal, 1986.
- MARX & ENGELS. **Textos sobre educação e ensino**. São Paulo: Moraes, 1992.
- ROSSI, W. G. **Capitalismo e Educação**. São Paulo: Moraes, 1980.
- ROUSSEAU, J. J. **Do contrato social ou princípios do direito político**. São Paulo: Editora Martin Claret Ltda, 2000.
- ZATTI, V. **Autonomia e educação em Immanuel Kant e Paulo Freire**. Porto Alegre : EDIPUCRS, 2007.